

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Outubro de 2024 - Nº 628

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

A MENINA E UM AÇUDE

VALDO RESENDE

O certo é que ninguém sabia de nada por inteiro. Um pouco daqui e uma história de trancoso dali; uma conversa ao pé do fogo e as coisas eram dadas como inteiras. Saber mesmo era vivido, e todos os mais velhos tinham muito o que contar. Volta e meia vinha a mesma questão. Como foram parar naquele pedaço de terra? Com tanto lugar de chuva farta, de chão bom para plantio logo ali, pararam por quê?

Perdeu-se no tempo as miudezas da viagem, o trajeto das mudanças. Tio Horácio gostava de apregoar que quando os portugueses chegaram por aqui não havia cartório. Se alguém se diz dono da terra, esse alguém tomou posse. Dos índios, primeiro. Depois de escravizado fugido que havia parado tentando se estabelecer. Deles mesmo, sabiam que tinham um pedacinho de terra, mas como chegaram... certamente vieram empurrados por alguém.

Dona Carolina, carola de tanto rezar, contava de quando tudo era da Igreja. “Toma conta desse pedaço!”, mandava o rei, lá em Portugal. E esse peda-

ço era destinado a um padroeiro! São João, Santo Antônio! Um moço sabido, de passagem, ensinou que os reis mandavam e desmandavam, nomeando bispos, cardeais, párocos. Isso era chamado padroado. Desde que os religiosos ficassem pianinho cuidando do povo, fazendo com que obedecessem ao rei. Quando resolvessem colocar rei e rainha só em maracatu, fundando a República, isso tudo mudou.

“Os grandes brigam entre si, e se há guerras mandam pobres guerrear por eles. E os vencedores tomam tudo o que presta, e mandam os que antes ocupavam o território catar coquinho onde der”. Quem relatava revoluções e coquinhos era o velho Gaspar, preto velho, sabedor de coisas. “Só viemos parar aqui porque aqui não interessava para ninguém. Deixaram uns e outros pegarem um pedaço de chão seco, duro, mas bom quando chove. E a gente vai levando, dizia”.

Ela ainda hoje se lembra das histórias, dos casos e causos, tudo junto e misturado. Sem luz elétrica, as noites claras de lua cheia e calor intenso

favoreciam a lerdiza sobre a rede, cada momento um tomando a palavra, lembrando um que morrera na luta, outro que fora embora. Retirante. Ela não queria ser retirante. O pedaço de chão que tinham era suficiente para a mandioca, o feijão. Também criavam um ou outro bicho útil para alimentar todo mundo. Salgavam a carne, durava mais tempo. Comiam com farofa.

Para a menina estava bem ter aquilo, para ela grande riqueza. Sendo mais velha de muitos irmãos a garota percebia as vantagens de ter algo que era da família, garantia de ter onde dormir, o que comer. Faltava água, a comida não era muita, mas a família era unida tanto na fartura quanto na fome. A menininha intuía naquilo uma grande força. Juntos trabalhavam, juntos colhiam, comiam e, às vezes, passavam fome. Vidas Secas, sabe ela agora, quando Graciliano contou a história dela, de toda gente como a família dela.

A escola chegou. Foi um mundo de coisas que D. Zilda, a primeira professora, contava. Quando terminou o primário não havia o que fazer, mas a

menina queria mais, sentia que nos livros estava o mundo para ser descoberto, muito mais para ser desvendado. Se a boa vida era para os espertos, a escola ajudava na espreiteza do conhecimento. Era preciso saber ler para fazer escritura, para saber-se realmente dono do que quer que fosse. Saber das novidades quando um jornal aparecia embrulhando coisas ou sob o sovaco de alguém.

Tio Horácio sacudia o jornal para o ar, feliz, apregoando o nome do governante que prometera e que agora iria cumprir. Iam construir um açude tão grande quanto a necessidade de todas as famílias, os donos de sítio, os meeiros e mesmo os ricos, que esses também têm sede. Viriam as máquinas para aprofundar o terreno, viriam os construtores para erguerem as barragens. Seria um açude imenso! E com a ajuda da Padroeira – tudo bem que fora imposta pelo padroado – nunca mais haveria de faltar água. Era deixar a chuva cair, encher o açude e rezar para que a cada estação de inverno o açude fosse abastecido.

O governo cumpriu a

notícia e realizou a obra. Ela, bem menina ainda, não sabia que o dinheiro usado por todo e qualquer governo vinha de impostos da terra e do trabalho de gente como a família dela. Quando inauguraram o açude, coisa de Deus ou do Diabo, semanas antes choveu como nunca enchendo tudo, fazendo-a ter ideia do que seria o mar. O dia foi de festa com banda de música, bênção de bispo, foguetório e comilança.

As autoridades foram embora e a menina, Luíza, percebeu a mudança brusca do dono do açude. Sim, do dono, pois o governo construíra o açude em latifúndio gigante, tudo terra de um único proprietário. E para poder usar a água, bênção da terra e do céu, era como assinar promissória de dever favor ao “dono do açude”. Ai de quem não tocasse a música que ele mandasse! Aquilo não estava certo.

A consciência daquele momento, daquele instante, bateu forte no peito, no coração, no cérebro. De quem é a terra, senão de quem dela cuida e vive? De quem é a água, senão dos deuses das nascentes dos rios, córregos, das

nuvens de chuva? Por que um governo constrói na terra de um único, fazendo todos os demais dependentes desse? Aquilo realmente e com certeza não estava certo. Ela iria brigar, dar trabalho para esses pretensos donos de tudo.

Décadas depois, agora com 89 anos, Luíza nos conta que esse fato deu origem à sua trajetória. Ali ela soube que iria lutar pela terra, pelo direito de todo ser humano em ter um pedaço de chão, poder beber e utilizar a água que é bem coletivo. “Começou ali”. Ela tem a memória lúcida, certa. Luíza nunca mais deixou de lutar.

NOTA: Quase tudo acima é fictício, exceto a realidade das regiões do semiárido nordestino, a construção do açude em terras privadas e essa Luíza ser a Erundina, cujo fato narrado a Chico Pinheiro inspirou este texto. Para os que não a conhecem, começou ali a trajetória da mulher que veio a ser a primeira prefeita da cidade de São Paulo. Atualmente é deputada federal. Salve, Luíza Erundina! Para ela minha humilde homenagem.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

O SHORT DO HÉLIO

IVAN

Quando fizemos a faculdade em Alfenas, o Hélio Zucato e eu vivíamos numa penúria tão colossal que, todo o final de mês, os mendigos da cidade faziam uma vaquinha e a destinavam a nós dois. O “pobrezinho” São Francisco de Assis era abastado perto da gente, já que dispunha de passarinhos para qualquer emergência (claro, que escondido do IBAMA), embora sua fome fosse necessária para alcançar tamanha santidade. Já a nossa fome era imposta pela falta de fundos e por essa mania perniciososa do corpo se alimentar.

Num sábado, do qual eu me recuso a lembrar, a lavadeira nos trouxe a roupa da semana – dois montinhos de trapos, um, meu e, outro, do Hélio, contendo cueca, camisa, e meia, isto é, o básico para não nos deixar nus na semana seguinte e nem gastar o que não tínhamos, com essa bobagem de lavadeira e higiene. Acontece que, na minha trouxa, surgiu, sem dono declarado,

um “short”, naquele tempo muito mais importante que o celular de hoje, e que substituí, com maior vantagem tecnológica e anatômica, o calção, até então em uso. O infausto short era marrom, de náilon brilhante, elástico no cós, cordão para mantê-lo na cintura e um acessório maravilhoso, jamais visto em qualquer roupa: a sunga acoplada, peça que só se adquiria avulsa e, mesmo assim, somente usada em jogo de futebol, desde que fosse dia-santo. E tem mais; somente pessoas descaradas e sem vergonha na cara compravam sunga, que tinha o horrendo nome de saqueira, palavra que não se dizia a ninguém, e nem pensar a uma balconista. Mas que era um excelente adjutório a órgãos pediculados que balangavam, era.

Com um fiozinho da baba pendente do queixo, o Hélio balbuciou: “Posso ficar com ele?”. Aquilo me soou como um bombardeio no Iraque, no dia em que o Bush é acometido pela sua peculiar Síndrome de Asnose. Ora,

pensei, jamais tive um short na vida, nem possuo com quê para comprar um, mesmo que em futuro distante. Surge-me, agora, a grande oportunidade de ter um de graça aparecido no, muito meu, monte de roupa; está na cara: o direitinho é meu; muito meu e acabou. Cheio da razão que me dei, fiquei com o short e, o Hélio, chupando o dedo. Só que cada vez que o short ia jogar futebol comigo dentro, muito mais rápido que a bola o remorso me alcançava, um arrependimento profundo grudava em mim como se fosse um carrapato sugando meus últimos e poucos bons sentimentos. Só não tirava o short e entregava ao Hélio porque, desde aquele tempo, o meu porte, ainda mais, pelado, era de matar de rir um sapo em coma... além do medo de me arrepender e ser impelido a roubar o short pela segunda vez.

O remorso jamais me abandonou. Tive pesadelos terríveis durante 48 anos: o Hélio correndo e a cachorrada atrás – todos com a minha cara – arrancando o seu short no dentame e

graxado a baba, ou eu, no inverno, tiritando de frio, azulado e só com o desgraçado short furado, o vento me enregelando pelos buracos ou, ainda, ao pagar uma conta atrasadíssima, me saía da carteira, em vez do dinheiro, o maldito short acusador.

No dia 5 de maio, o Hélio faz aniversário. Como sempre me lembro de cumprimentá-lo, apesar da lembrança do short que me inibe, no ano passado disse a ele que iria “dar-lhe um presente a mim”. Parti em busca de um short marrom ou algo semelhante. Estarrecido, fiquei sabendo que tal peça não mais existe, a não ser em museus e, se for encontrada, é para pessoa brega. Fiquei cabreiro. Procure no Lucianinho, aconselharam-me. Ele tem tudo, até guarda-pó. Se ele não tiver, nem no Curdistão. E não tinha mesmo. Logo o Lucianinho em quem sempre depus toda minha confiança. Pessoas mais modernas que eu, essas com apenas 60 anos de idade, revelaram-me que, agora, o “must” é a bermuda. Bermuda? Então que venha a bermuda. Veio uma beleza de bermuda. Marrom, ótimo tecido, com bolsos em qualquer lugar que houvesse espaço, passadeiras no cós onde nada passa. Ali estava minha redenção, o fim dos meus pesadelos, o término do meu remorso e

a remissão dos meus pecados. Conte a saga à família do Hélio, reunida para a feijoada do aniversário. O Hélio, como o tio do Ugo, tinha uma vaga lembrança do famigerado short e não deu importância ao caso. Mas quando viu aquela calça-curta-de-pegar-foguete, seus olhos adquiriram a mesma fulguração da cena passada há 48 anos em Alfenas. Sorriu, foi para o

quarto, voltou desalentado, sem a fulguração: “Ficou pequena, não serviu”. O pesadelo voltou na mesma noite. Bermuda lazarenta; este ano compro outra.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

ZEZA AMARAL

Calou-se a voz e ficou o eco

De um poeta, escritor,

Cantor, cronista...

Enfim, um artista.

Amava Campinas, as andorinhas,

A Ponte Preta, o reboiço urbano

Narrando o prosaico e o desengano.

Este Jornal teve a honra e sensatez

De publicar seus escritos

Enriquecendo nosso acervo

O jornalista do coloquial

Dos fatos retos e antagônicos

Virou notícia de primeira página

Encantou-se

BOB

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 72

ISMAEL RIELI

Mais Respeito com o Português Nº 72

Quanta saudade dos tomates e das maçãs de antigamente!

Como eram saborosos aqueles tomates e as cheirosas maçãs argentinas!

Foi muito complicado o parto do Nenê – Suenir – da Tia Nestinha. Nascido a fórceps veio ao mundo com sérios problemas corpo a fora (hoje um guapo homem perfeito e próspero). Por isso quando Tia Nestinha, que morava em Pirituba, em São Paulo, vinha matar a saudade da Gotardelada, antes passava uns dias conosco, no sítio da irmã Lena. Vinha com três malas: uma para os apetrechos – correias de couro, roupas especiais do Nenê, outra pras roupas dela e da Sueli e uma terceira cheia de presentes. Quando aberta exalava agradável cheiro das rubras maçãs argentinas que por aqui só se encontravam no Bar do Choque e a Isolina se orgulhava de anunciá-las em inglês “RED DELICIOUS” apontando-as na geladeira de vidro. Meus colegas de quarto: Álvaro, Ilson e Josmar, ao lembrar causas de Monte Sião, sempre se referiam às maçãs da Isolina.

Aquelas maçãs nos atingiam por 4 sentidos: visão, paladar, olfato e tato.

Como eram saborosos os tomates sem agrotóxicos colhidos nos estaleiros das hortas.

Eram parelhas, na Rua do Mercado, as

casas do meu avô Antônio e do Tio Cid. Os quintais eram unidos e, no fundo deles, brotava uma fonte de água cristalina. Caprichoso, a horta do Tio Cid abarcava os dois quintais repletos de canteiros, ladeados por capões de agrião de folhinhas miudinhas, ardidinhas e saborosas, muito diferentes dos agriões de hoje: pernudos, folhudos e in-sossos.

As maçãs de hoje: vermelhas, viçosas, bonitas enganam muito. Têm gosto de cabo de guarda chuva. As da Tia Nestinha e as da Isolina eram muito mais saborosas.

Enganam também os escarlates tomates vistosos sem sabor nenhum, ou com sabor de inseticida. Os moranguinhos, cuja lavoura abunda aqui pelo Sul de Minas já não são tão saborosos como eram. Carregados de agrotóxicos. Salvam-se as mangas, sem fio e com muitas variedades. Continuam apetitosas as mangas espadas, semi maduras com sal. Quanto lenda em torno da manga e do pepino. Depois de ingeri-los, tomar leite é um perigo muito grande. Em Belém do Pará as mangueiras enfeitam e dão sombra às calçadas e ruas.

X x x

No seu Romance Sem Palavras, Cony aproveita um caso tétrico, horripilante, asqueroso, impensável da “redentora”, a ditadura militar que durou 20 terríveis anos:

“Eu ouvira uma história em que custava a acreditar, mas que tive

confirmação depois que as coisas se normalizaram. Um oficial da aeronáutica recebeu a lista de oito pessoas que deviam ser atiradas ao mar. Com uma escolta e duas kombis, foi buscar as vítimas, algumas nos quartéis onde estavam presas, outras nas próprias casas.

Quando se aproximou da Praça Mauá, parou as kombis e fez uma última contagem, para se certificar de que os oito presos ali estavam. Deu por falta de um. Seu ajudante, que dirigia a outra Kombi, esquecera ou se atrapalhara, tinha apenas três presos consigo.

Pensou rápido: teria de entregar no Galeão oito presos e não sete. O responsável pelo serviço na base aérea lhe daria o recibo dos presos, recibo que ele anexaria ao relatório que apresentaria a seus superiores.

Era de madrugada, como arranjar um preso a mais? Para sorte dele, ouviu o barulho de uma banca de jornais que abria na esquina da Rua São Bento com a Avenida Rio Branco. Não havia ninguém nas imediações. O oficial encostou uma das kombis junto à banca e mandou o jornalista entrar.

Meia hora mais tarde entregou na base Militar do Galeão os oito presos da sua ronda. Com o recibo no bolso, voltou para a cidade. Quando a sua Kombi contornou o final da pista e atingiu a estrada que leva à ponte da Ilha, viu passar por cima de sua cabeça o C-47 que levantava voo, levando em seu bojo os

oito presos que ele recolhera.

Todos haviam feito o que deviam. Ele apANHARA os oito presos e os entregara. O avião levantara vôo. Meia hora, uma hora depois, jogaria a carga no Atlântico, que também cumpriria sua missão.

X X X

Mais uma Dúzia de Quadrinhas

Quem ama para dar provas,

Deve três coisas cumprir:

Tocar violão, fazer trovas

E havendo luar, não dormir.

Silveira Carvalho

Eu amo muito os teus olhos

Porém, prezo mais os meus,

Porque se não fossem eles

Não veria mais os teus.

Edmundo Peres da Costa

Quando desperto do sono

Que por Deus mandado vem,

A cruciante saudade Comigo acordatambém.

Magdalena Peres

A velhice se aproxima,

Quando nos apercebemos,

Das saudades que levamos,

Das ilusões que perdemos...

Heribaldo Bittencourt Barroso

Dormimos... O sono é santo

De que nós se compadece

Dormindo descansa o triste

E suas mágoas esquece.

Simão Cortez

Eu sonhei com teu vestido

Numa cadeira, amassado.

Teu colar no chão caído

E tu... Deitada ao meu lado...

Abílio Lessa

Não corra. Nem tenha pressa.

Ande sempre devagar,

Tudo chega mais depressa

Se soubermos esperar.

Antônio Zoppi

Saudade... Palavra linda

De sete letras... Saudade

É noite que tem ainda Lampejos de claridade.

Belmiro Braga

Erguem-se ao Céu as antenas

De estações em quantidade,

Mas minha'alma pega apenas

A emissora da saudade.

Pe. Celso de Carvalho

Para sentir a volúpia

E o calor do teu contato,

Não me importava de ser

Palmilha do teu sapato.

Demôstenes Cristino

Quando penso em ti, eu penso

Tão alto, com tal tormento,

Que chego a temer que os outros

Escutem meu pensamento.

Djalma Andrade

Tu podes não me querer,

Tu podes me desprezar,

Mas não podes, nem que queiras,

Impedir-me de te amar.

Edésio Daher

X X X

LUDOPATIA

É uma doença nova, contagiosa, perigosa, pernicioso, avassaladora.

R\$ 68 bi foram gastos por brasileiros em jogos online, no primeiro semestre desse ano.

1,3 milhão de brasileiros estão inadimplentes devido às apostas “gastei a herança de 300 mil, de minha mãe, confessa uma viciada em apostas”.

X X X

Por que tão alto?

Começa em 2025 a construção em Camboriú, do prédio residencial mais alto do mundo.

Com 500m de altura o Senna Tower terá 154 andares, 8 elevadores, 228 apartamentos para 2283 pessoas investimento de 3 bilhões com previsão de 10 anos de construção.

Os 4 prédios mais altos do mundo.

1 - Burj Khalifa nos Emirados Árabes Unidos com 828m.

2 - Shangai Tower na China. 632m.

3 - Taipei 101 em Taiwan. 508m.

4 - One Tower – Balneário Camboriu, SC. 290m.

PAULO FRANCO

Olhando pela minha janela, vejo um vento forte balançar os galhos das árvores de um lado para o outro num movimento que lembra uma dança. Uma borboleta parece flor que esse mesmo vento tirou pra dançar como na música do Teatro Mágico.

É a natureza bailando diante dos meus olhos!

A mesma natureza que inspirou Isadora Duncan a despir-se das sapatilhas e, descalça e envolta em tecidos esvoaçantes, transformar a arte de dançar.

Isadora se apresentou no Brasil, poucos anos antes das cortinas se fecharem para ela pela última vez:

uma carro conversível em alta velocidade na Riviera Francesa, uma linda mulher e sua echarpe que se movimentava ao sabor do vento, dançando até se prender nas rodas do carro e estrangular Isadora.

Mas como a arte é perene, sua dança está eternizada assim como os quadros de Degas, que perpetuaram bailarinas com seus tutus multicoloridos em poses que parecem dar movimento às telas.

Não sei dançar, mas me curvo aos andaluzes dançando flamenco, ao casal portenho dançando tango, à minha amiga Mary com sua espada executando uma dança do ventre, Ginger e Fred num filme em preto e branco, aos bailarinos do Sta-

gium ou da companhia de Pina Bausch que mais do que dançar, nos contam belas histórias com seus movimentos.

Assim como a menina que ensaia todos os dias, sonhando um dia se transformar em um cisne, embalado por Tchaikovsky ou Nijinsky, o “Deus da dança”, que desafiava as leis da gravidade com seus saltos. Parecia flutuar como um pássaro diante da plateia.

Alguns animais dançam para seduzir suas parceiras e assim também desde a mitologia na figura de Tertsicore a musa que se deleitava na dança, ou Shiva dançando sobre o corpo de um demônio, a dança veio seduzindo através da história, com as bailarinas da

Grécia e do Egito antigo, as odaliscas, as dançarinas de can can, ou da Vênus Negra Josephine Baker, que além de cantar, seduzia com sua dança ao ponto de se tornar espia na França durante a ocupação Nazista, Luz del Fuego, que dançava nua enrolada numa cobra, e tantas outras que traziam nos movimentos um fascínio que as conduzia encantando como sereias.

Se hoje a vida está mais pra luta do que pra dança, com o mundo dançando num outro contexto, que consigamos encontrar em meio a essa dança das cadeiras, um caminho, uma salvação, uma prece ao Eterno Deus Mu Dança, na arte e na imaginação. Afinal “quem tem um sonho

não dança”.

Segue o baile, encantando nos palcos e contando histórias inventadas ou fragmentos da nossa História, como no genial filme

“O Baile” (*Le Bal*) de Ettore Scola.

Enquanto escrevo isso, lá fora um beija-flor continua bailando na companhia de uma azaleia branca.

DELICADA

Trêmula confissão

do primeiro amor.

Morreu na timidez,

trancada no coração.

Yoshiharu Endo

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prairinha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automobilístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

FABULÁRIO EM CANTARE...

O Zico, Zé Loro, Zé Curumim e o Nardo Garcia
Que com sua venda os causos de Cantare escutava
Escutava e bem que rindo se distraia
Às loratas bem inventadas mas que nem bola dava

O causo do marcador de hora, ou melhor, do relógio
Da marca Seiko um japonês importado
Que ele pescando esqueceu naquele 'esbrógio'
E no pé do ingazeiro ficou pendurado

E muitos anos foram passando no calendário
Até que uma nova pescaria lá na Lagoa Dourada
Foi quando ele ouviu um tic tac legendário
Era seu marcador de tempo em disparada

Mas nada mais diferente de causos foi contado
Quando o Zé Loro contou o causo da roda
Da frente da bicicleta que saiu rodando
E sem conseguir parar aquela roda danada

E a roda foi parar na ferraria do Sebastião Aníbal
Quando ele atendeu rapidamente
Me deu água que quase foi parar no coração
E o meu fôlego foi recuperado ainda bem minha gente

Mas ele disse que contar causo não é o seu pedaço
Gosta mesmo de tocar violão fazendo serenata
Com o Teleco e o Ivan Mariano mineiros sem embaraços
Naquelas noitadas com o luar cor de prata

E aquela roda foi subindo morro acima lá no Paieiro
Antes passando pelos Boavas e nas Águas das Espriadas
Que no tempo da estória não era mais um brejeiro
Na baixadona do Etro do Oscar Castro pelas beiradas

Foi quando alguém gritou: olha a bicicleta do Zico
E ele pedalando atrás com ela faltando uma roda
Saíam da frente que senão eu me estrumbico
Imaginem o pessoal se aquela roda pega moda

(Lendo a crônica Fabulário do Cantare, do José Alaércio Zamuner, no Jornal Monte Sião, edição de abril/ 2024, nº 622)

Arlindo Bellini

Um riso velado é o reflexo da alma atormentada.



**“PALHAÇA”
FLAVIA**

JAIME GOTTARDELLO

Ao abrir a janela numa certa manhã, o homem triste não esperava ver nada além do mesmo, nada além do comum. O céu estava tingido de um azul claro, o sol aparecendo tímido entre as nuvens e a algazarra das maritacas envolvia o ar fresco que invadia o quarto. Era tudo o mesmo a cada dia, mas daquela vez parecia que algo havia mudado dentro dele. Seus olhos tristes, acostumados ao cotidiano apressado, finalmente desaceleraram.

Pela primeira vez em muito tempo, per-

cebeu a dança das folhas no vento, como os dedos delicados de uma bailarina num palco. As flores no jardim ao lado da casa agora lhe pareciam pequenas obras de arte, cada pétala em sua perfeição, como se a natureza tivesse pintado com cuidado cada detalhe.

Olhando pela janela, parecia que uma nova se abria dentro dele. Um lugar esquecido na infância longínqua quando coisas simples ainda tinham o poder de encantá-lo. E uma quietude profunda tomou conta dele. Aquelas pequenas imagens ganhavam significado e os sussurros da natureza se tornavam can-

ções para sua alma. O cheiro da terra molhada, ainda úmida pela chuva da noite anterior trazia lembranças antigas, de uma infância descalça correndo entre pomares e quintais.

Sorriu um sorriso que vibrava dentro dele como cordas afinadas de um violino. A janela aberta o fez redescobrir a beleza que sempre esteve lá, escondida nos detalhes do mundo, esperando apenas ser notada. E então ele compreendeu que o belo não precisava ser grandioso, mas verdadeiro. Estava no simples balançar das árvores, no brilho suave do orvalho nas folhas, no olhar atento

ao presente.

Platão definiu que o belo é o ideal da perfeição, e só pode ser contemplado por meio de um processo de evolução filosófica e cognitiva do indivíduo por meio da razão, que lhe proporcionaria conhecer a verdade harmônica do cosmo.

Talvez o filósofo estivesse errado, porque através daquela janela o homem triste sentiu a beleza abstrata da alma onde a razão não o conduziu. A beleza não é algo que precisa ser racionalizado, mas sentido.

Ele aprendeu a olhar a beleza.

E essa era a janela que jamais se fecharia.

A EVOLUÇÃO DE MONTE SIÃO NO CONTEXTO DO MERCADO FINANCEIRO

L.A. GENGHINI

Lembro-me de quando em Monte Sião só tínhamos o BANCO MOREIRA SALLES (Depois Unibanco e depois Itaú), ainda nos baixos do sobradão da família do Ernesto Delfin, que quase foi assaltado numa madrugada em que estranhos roubaram o maçarico da oficina do Mauro Comuni e tentaram abrir a porta de estrutura de ferro. Do outro lado da rua Direita (atual Tancredo Neves) tinha uma agência muito tímida da antiga MINASCAIXA- Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, que também não resistiu às turbulências do mercado financeiro no final do Século XX e ruiu.

Nos anos 60, o sistema de ensino de Monte Sião se resumia ao Grupo Escolar “D. Otávio Chagas” quando foi fundado o Ginásio Monte Sião, depois “Provedor Theófilo Tavares Paes”. E foi, ainda, nos anos 60 que sob a liderança de Lourenço Guirelli Jr, Ivan Mariano Silva, D. Odete Volpini, Frei Pio e outros sonhadores que Monte Sião passou a ter uma escola técnica, o Colégio Comercial de Monte Sião.

Naquela época, o movimento bancário dos comerciantes e dos produtores agrícolas dependia da cidade vizinha de Ouro Fino, que já contava com mais recursos, bem além daqueles de

que Monte Sião dispunha.

E foi por volta do final da década dos 60 que a Indústria de malhas (tricô) começou a prosperar e a mudar a cidade e a vida das pessoas. Com o aumento da circulação de dinheiro aumentaram as agências bancárias, com operações mais complexas de financiamentos, importações, aplicações e empréstimos, de modo que bancos e clientes tiveram que aprimorar o conhecimento sobre o mercado financeiro a fim de escapar das armadilhas do sistema e de perseverar no futuro, em busca de sucesso.

Atualmente a cidade possui uma rede invejável de escolas municipais, estaduais e particulares e o ensino é oferecido até a conclusão do ensino médio, exceto algumas faculdades que estabeleceram seus polos avançados de EaD – Ensino a Distância. Em geral, os filhos vão concluir os estudos em cidades maiores ou se matriculam em cidades vizinhas para os cursos de direito, administração, ciências contábeis, pedagogia e letras, dentre outros. Nestas alturas, já surgiram também consultorias especializadas em gestão que além de promover processos de gerenciamento de malharias se propõem a promover treinamentos específicos, enquanto a rede bancária se expandiu, sendo que hoje

temos Banco do Brasil, CEF, Itaú, Bradesco e a cooperativa de crédito SICOOB, pelo menos, além de alguns operadores de IPs - Instituições de Pagamento.

É claro que dos anos 60 até aqui muitas coisas aconteceram e a vida pacata de cidadezinha do interior passou a conviver com a dinâmica de grandes cidades e o aumento das operações financeiras exigiu mais e mais da capacitação das pessoas, porque a partir de certo ponto só a intuição já não era mais suficiente.

Durante nossa vivência profissional e estudantil, em São Paulo, tivemos que aprender a lidar com o mercado financeiro e suas mazelas e, acredite, é muito difícil, esparso e específico, tornando-o acessível a poucos sortudos que fizeram carreira no segmento bancário ou prestaram concursos para trabalhar no Banco Central, o grande maestro da política financeira no Brasil, desde a sua instituição. (Foi criado em 31 de dezembro de 1964 pela Lei nº 4.595 e começou a funcionar em março de 1965).

Como um lampejo, um clarão que promete resumir conceitos, explicar tópicos, orientar sobre estruturas e tudo o mais que se refere ao mercado financeiro atual, assunto de interesse de empresários malharistas, investidores, tomadores, advoga-

dos, contadores, estudantes e, acima de tudo, de profissionais da rede bancária, surgiu o manual “The Sharp Fintech – Uma visão prática para a boa gestão em fintechs reguladas pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central do Brasil” de autoria do professor-mestre Luciano Fantin, de larga experiência no mercado de trabalho e universitário, onde ainda leciona.

Durante minhas idas e vindas pelo metrô de São Paulo eu devorei cada página, cada esquema, cada ilustração e o universo financeiro foi ficando mais claro e mais acessível à medida em que a leitura avançava. Literatura técnica sim, mas adequada ao público leitor deste jornal, também gestores de empresas, operadores financeiros e estudantes, na lida diária em busca de sucesso empresarial e pessoal.

Assim, cá estou, a recomendar a leitura do “The Sharp Fintech” do professor Luciano Fantin, da ArteSam Editora, 2024 – ISBN 978-85-471-0947-9 <https://clubedeautores.com.br/livro/the-sharp-fintech>, o livro que ajudará a compreender o mercado financeiro e preencherá lacunas de conhecimento no caminho de quem deseja obter sucesso nas operações financeiras pessoais e organizacionais.

Até qualquer hora, pessoal!

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

RESPEITÁVEL PÚBLICO!

DURVAL TAVARES

Achar o que se procura no baú ou balaio do Rey Quexoto nunca foi fácil. Entre os apetrechos neles guardados existem argolas, apitos, palhas coloridas e um único nariz vermelho. Por sorte encontrei um papel amarelado com escritas de um só lado. No verso, sem prosa nem verso, um desenho daquilo que, com muito boa vontade e imaginação, pode ser parecido com um palhaço. Roupas e botas exóticas, cara pálida pintada, cabelos de palha ou de palhaço mesmo, nariz redondo avermelhado, apito na boca e argolas esparramadas pelo chão, formavam o cenário de um picadeiro. Quem o viu, sentiu que aquele desenho era pura poesia não escrita. As palavras do Rey contidas naquele papel, traziam com poucos detalhes fatos da inauguração do circo em Manguá. Eis um resumo:

“Num sábado, sem data anotada pelo R.Q., ocorreu o primeiro Espetáculo. Escolhido um sábado, porque aos domingos o coreto atraía quase todo o povo local. O circo teria que ser muito bom para concorrer com o time do Seu Parmiro. O coreto ia de vento em popa. Pudera, com o rei da batuta, a

voz de siriema da nonna Ema, a energia à moda caipira da Dona Jandira, os Manguacinos e os violeiros Manga e Mengo, formavam um time de primeira. Nessa pintura, postado num canto da praça, o tocador de realejo com seu incansável periquito a tirar bilhetinhos e, para completar o quadro, o povo embriagado, também, naquele momento de euforia em Manguá, mergulhado sem muita grana numa praça com cheiro de grama. Enfim, a vida em Manguá era boa, mesmo naquele espaço seco, sem garoa, com muita gente circulando a toa, como era o caso do Prefeito Conmício e do Padre Anacleto, o Bom, que, com outras solenidades (exagerei um pouco), todos na Manguaça, a praça, ficavam a pro-sear com os presentes (com os ausentes a prosa ficaria para depois). Pois bem, naquele sábado, o Circo Alegria, de lona erguida a poucos metros do coreto, botou fogo na cidade. Até a turma do seu Parmiro estava engajada e, como se quisesse tirar proveito, sempre com o apoio do prefeito, tocava verdadeiras pérolas do cancionero, com destaque para: “O Circo Vem Ai”, “O Palhaço, o Que É?”, “O Circo Chegou” etc. (na internet os

nomes dos autores – aqui falta espaço).

Chegada a hora, um senhor de sorriso largo entrou no palco e começou a falar:

Respeitável público! Respeitável público! ... (repetiu algumas vezes). E bla bla bla, falava sem parar, com vibração que fazia tremer o chão. Não demorou muito, ele, aquele que não poderia faltar: Conmício tomou a palavra e pôs-se a tratar do seu importante e incansável trabalho para alegrar a todos em Manguá. Seu bla bla bla chocou-se com um zum zum zum e faíscas pairavam no ar. Se não interrompesse o discurso, o circo pegaria fogo literalmente, dada a insatisfação dos presentes (seu eleitorado?). Na verdade, dois palhaços, também descontentes, subiram ao palco e de forma muito engraçada acompanharam o prefeito, um tanto sem graça, até um banco a ele reservado. Foi um misto de apupos, aplausos e risadas. Essa ação inesperada, porém desejada, inaugurou o espetáculo, para o delírio da plateia que superlotava o circo com entrada gratuita naquela inauguração. Soube-se que a prefeitura patrocinou o show. Tinha gente saindo pelo ladrão e crianças sentadas

no chão por onde passariam as estrelas.

Do início ao fim, a dupla de palhaços, Arrepia e Simpatia, como era de se esperar, tornou-se a verdadeira alegria das crianças de toda e qualquer idade. Bem extrovertidos e também intrometidos, né Conmício? E o que dizer de Peto e Latino com seus cães adestrados, latindo (os cães) por todo lado, como se quisessem cantar. O Sr. Labareda chegou e saiu cuspiendo fogo, sem que queimasse a língua, algo difícil em Manguá. Tortuoso se contorceu o tempo todo e nem com torcicolo ficou. E a bailarina Menina Fina que dançava sem parar, mesmo quando não havia mais som na vitrola. Espantosa a apresentação do Mr. Iludino Gonzales, ilusionista, mágico de primeira, exímio bater de carteira. Pelo que se sabe, sempre devolvia a cada um a carteira confiscada durante o show. Um pouco desolador foi o Sóbrio, equilibrista que muito bambeava na corda bamba e sempre caía na pista. Lançava bolas e argolas ao ar e a maioria delas deixava esparramar pelo chão. Para não dizer que nada se falou dos bichos, poucos naquele circo, destacamos os domadores Odom e

VERSÍCULOS PROFANOS

¹ Se quiseres esconder-te

² do rei da cocada

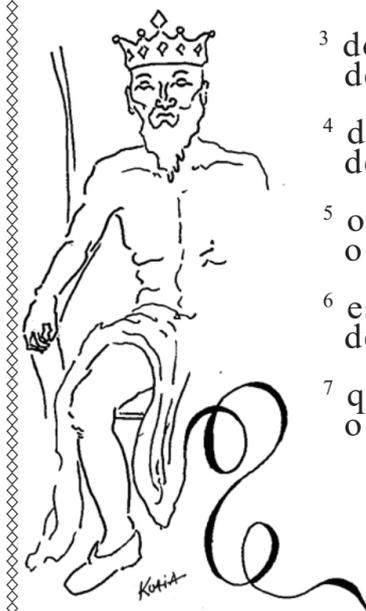
³ do chato de galocha

⁴ das idéias de jerico

⁵ ouve o conselho

⁶ esconde-te de ti mesmo

⁷ quebra o espelho



Popo de Sião

Ador que, com muito dom e nenhuma dor, foram a grata surpresa ao fazer rolar, sem se sujar, o porco Lino, ao fazer o gato Gatuno pular e dar sucessivas cambalhotas para trás e, com meia dúzia de ordens, obrigar o elefante Miudinho a circular no picadeiro até cansar e, por fim, sentar, com todo o cuidado do mundo, num banquinho sem o quebrar. Outros se apresentaram, segundo o R.Q., mas só anotou quem se destacou, parte

de uma lista e pequeno exemplo da fascinante profissão de artista de circo. O espetáculo durou horas e, para encerramento com chave de ouro, ao som hino de Manguá (composição do Seu Parmiro), terminou com uma caminhada pela Manguaça, público e todos os artistas, exceto seus bichos.

La magia del circo era presente nella piazza.”

Ciao.

POR QUE VOCÊ LIDERA USANDO A ARMADURA DA PERFEIÇÃO?

LEONARDO LABEGALINI

Naquela manhã ensolarada, Téu caminhava em direção à cafeteria. Dessa vez, o foco seria diferente. Após aprender sobre liderança servidora, ele tinha marcado um novo encontro com o Líder Inspirador para discutir outro princípio crucial: a liderança pelo exemplo.

Ao entrar, o cheiro familiar de café fresco o envolveu. Sentou-se na mesma mesa perto da janela, sentindo-se mais preparado do que antes. Poucos minutos depois, o Líder Inspirador chegou, com o mesmo semblante sereno e uma leveza nos movimentos que inspirava confiança.

— Como posso te ajudar hoje? — disse o Líder, sentando-se à frente de Téu.

— Muitas vezes, me disseram que liderar

pelo exemplo é fundamental. Mas sinto que há algo a mais por trás disso. Na prática, nem sempre eu vejo acontecer.

O Líder Inspirador sorriu, tomou um gole de café e começou.

— Você está certo, Téu. Liderar pelo exemplo é fundamental, mas há algo que poucos contam: a vulnerabilidade que isso exige. Mostrar o que você faz, como age e no que acredita é, ao mesmo tempo, um ato de coragem e de exposição.

Téu, intrigado, franziu a testa. Ele já havia lido sobre a importância do exemplo, mas nunca tinha considerado a vulnerabilidade envolvida.

— Muitos líderes gostam do palco — continuou o L.I. — Eles querem compartilhar suas ideias, conquistas, mas poucos se colocam na posição de mostrar como, de fato,

realizam o trabalho. Há uma grande diferença entre falar sobre o que deve ser feito e mostrar como se faz, especialmente quando envolve erros e desafios.

Téu refletiu. Ele sabia que, como líder, tendia a destacar seus acertos, mas raramente mostrava os processos por trás deles, principalmente os erros que cometia no caminho.

— E por que é tão difícil fazer isso? — perguntou, tentando entender mais a fundo.

— O ego, Téu. O ego é o que nos impede de liderar pelo exemplo de forma plena. Reconhecer e mostrar a vulnerabilidade é um dos maiores desafios que um líder enfrenta. Afinal, ninguém gosta de expor suas falhas. Mas é essa transparência que realmente conecta os líderes às suas equipes. Quando mostramos que também estamos aprendendo, que também en-

frentamos dificuldades, criamos uma relação mais autêntica.

Téu concordou. Fazia sentido. Ele sempre admirava líderes que eram capazes de admitir seus erros, que mostravam que estavam em constante evolução. Isso os tornava mais humanos e próximos.

— Jesus, o maior exemplo de liderança, não apenas pregava — disse o Líder Inspirador. — Ele vivia o que ensinava. E, ao fazer isso, mostrou sua vulnerabilidade. Lavar os pés dos discípulos não foi apenas um ato simbólico de humildade, foi uma demonstração prática de que ninguém está acima do serviço. Ele não apenas dizia o que deveria ser feito, ele mostrava como.

Téu respirou fundo, sentindo o peso das palavras. O conceito de liderar pelo exemplo começava a se expandir em sua mente.

— Isso exige coragem, não é? — perguntou Téu, com um leve sorriso de compreensão.

— Muita coragem. Não apenas para ser exemplo nos acertos, mas também para aceitar e mostrar as imperfeições. Como líder, você não precisa ser perfeito, mas precisa ser verdadeiro. A armadura de perfeição que muitos líderes tentam vestir acaba sendo pesada demais para carregar.

— Então, liderar pelo exemplo também envolve mostrar que estou aprendendo, que tenho minhas próprias batalhas? — Téu questionou, buscando confirmação.

— Exatamente. Se você deseja que sua equipe cresça e se envolva, mostre-lhes o caminho e caminhe ao lado deles. A sala de aula é importante, mas é no campo de batalha

que se formam os verdadeiros líderes. Acompanhe sua equipe no dia a dia, mostre como as coisas funcionam na prática, e não apenas em teoria.

— Coragem para ser vulnerável — disse o Líder, finalizando a conversa. — Essa é a chave para liderar com exemplo. É a vulnerabilidade que nos conecta, que ensina e transforma. Ao mostrar suas falhas, você não perde respeito. Pelo contrário, você ganha confiança.

Téu deixou a cafeteria com uma nova perspectiva. Sabia que o caminho à frente não seria fácil, mas estava disposto a enfrentar seus medos, mostrar sua vulnerabilidade e liderar com autenticidade. Afinal, a verdadeira grandeza de um líder está em ser o exemplo, não da perfeição, mas da coragem de ser humano.

CLASSIFICAÇÃO - XXII CONCURSO “FRITZ TEIXEIRA DE SALLES” DE POESIA

POESIAS CLASSIFICADAS – INFANTIL

1º lugar

Imaginação.

Ela ria, ela chorava
Mas sua vida não mudava
Ela sofria, ela sorria
Mas ninguém notava

Cansada de tal,
correu para o quintal
Atravessou a porta,
Iniciou sua revolta

Avistou um parquinho, aproximou-se de mansinho
No balanço foi se sentar,
E pôs-se a balançar,
Até alcançar sua terra natal

Dríades brincando
Ninfas sorrindo
Árvores de braços abertos
Rosas e abetos

A maior riqueza,
A maior beldade,
Que alguém pode alcançar
É o poder de imaginar

*Isabela Daher Marques – 12 anos
São José do Rio Preto - SP*

2º lugar

Na sala de aula.

Às vezes, na sala de aula
Vivo altos e baixos

Sou um máximo
Sou um nada

Olho de lado:
Muitos brilham
Eu escureço

Tem gente entusiasmada, acesa
Olha como voam
E eu, rasteira

De repente, reajo
Sou rio
Saio dos limites
Viro cheia

Acerto
Se não acerto, corrijo
Os grandes ficam pequenos
E eu, antes pequena, gigante.

*Leticia Almeida Binsfeld – 12 anos
Capão da Canoa – RS*

3º lugar

Cara ou coroa.

Sorte ou azar
Cara ou coroa
Ímpar ou par
Navio ou canoa

Sim ou não
Bem ou mal
Claridade ou escuridão
Preciso de um sinal

Bem-me-quer ou mal-me-quer
Noite ou dia
Homem ou mulher
Escolher é utopia

Difícil viver assim
Sem saber o que escolher
Pois a verdade é que no fim
Ninguém aceita o meu querer

Dizem que sou nova demais
Que não sei o que é bom
Meus desejos são banais
Desprezam o meu dom

Sigo, então, bem caladinha
Evitando confusão
Para os adultos, ando na linha
Mas Deus conhece o coração!

*Nicole Rodrigues dos Santos – 12 anos
Brasília – DF*

POESIAS CLASSIFICADAS – JUVENIL

1º lugar

Infinidade fascinada.

Seus olhos de infinito encontram os meus.
Passo a fitá-los. Tão bom olhar os sonhos!
Perdida a encontrar-me no infinito.
Sou eu, sou tu, sou nós, pois o meu eu
É tão seu quanto os versos que componho.
Com paixão, eu dito esse amor bendito.

Não me julgue por ser tão sonhadora,
Por possuir essência delirante,
Por morrer de amor e dele viver.
Pois amar é ter alma professora,
Que ensina ao coração ser viajante:
Migrando docemente até você.

É vivenciar poesia pura,
É ser pintor, também é ser paisagem.

É ser a calma e tempestade.
É possuir dos sábios, a loucura,
Ser vulto de delírio e ser miragem.
É ser um contador da eternidade.

*Karen Souza – 17 anos
Curitiba – PR*

2º lugar

A luta contra o luto é pretexto de medo.

Quando ela se foi, a mulher não reagiu,
não saiu do primeiro, segundo, terceiro, quarto estágio
e quando não deveria, quis se manter forte
Pois com sorte, impedir a verdade seria mais fácil.

De preto vestido, com seu olhar moribundo
encarava pálida, o cimento estruturado
que mantinha em seis paredes a dona de seu mundo
com o corpo juvenil tão cedo aprisionado.

No café da manhã, sobre a mesa, dois pratos
Ambos intocados, parados no tempo.
No ritmo da dança, seus corpos dançavam
almas alegres, aprendidas em momentos.

Tão forte é o amor, que no peito desabou
o retrato das duas se desfazendo em pedaços
lembranças atiradas contra o chão que quebrou
o coração em tamanha raiva, pesado e craquelado.

“Por favor, Senhor, traz ela de volta!”
a mulher implorava, em voz de barganha
presa ao passado, sem futuro e sem agora
Tamanho é o desespero dessa perdida criança.

Na janta, nem um prato, sem comida nem preparo
no quarto, um corpo, esse quase morto, perdido, intocável.
Na luz da penumbra o silêncio grita baixo,
abraçando a escuridão, dolorosa e inefável.

No quarto, quatro quartos do dia se passavam na cama,
o silêncio em dolo que dê certo não se impedia,
cravando facas lisas em seu âmago e entranhas,
A pior dor que sentiria por toda sua vida.

“Que vida?” Perguntava a mulher dentro de seu interior,
morreu junto com ela, ambos os futuros sem guia para guiar.
A mulher se dopava para não chorar, para não sentir a dor
de passar sem ela, dormindo eternamente em nenhum lugar.

Dois corpos sem vidas e um corpo enterrado.
Uma partida tão inesperada que soou como bala perdida.
Num dia, lá estava ela, com pleno amor em seus braços,
mas num outro, nunca mais voltou, de noite e nem dia.

A luta contra o luto foi pretexto de medo,
que se dopou eternamente, pois dormir é mais fácil.
Ficou mais leve fora de todo aquele desespero.
No sono, tinha ela, acalentando e beijando o coração tão frágil.

*Beatryz Santos da Silva – 17 anos
Suzano – SP*

3º lugar

Acho que nasci no ano errado!

Eu devia ser do passado
Há muito tenho essa desconfiança
Porque carrego como lembrança
Saudades de um tempo que não vivi

Quando enxergo um colorido
No preto e branco daquelas fotografias
De uma infância que existia
Não posso deixar de sorrir

As crianças brincando de pé no chão
Na chuva, um barquinho de papel
Virava uma grande embarcação...
Carregava sonhos e alegrias
De uma felicidade que não era fantasia

Os amigos eram reais
As pessoas eram leais
A palavra tinha grande valia
E isso todo mundo sabia

A fruta era comida no pé
Criança se sentava no chão, ou ficava em pé
Mas tinha o seu lugar
No peito da mãe...no colo da avó...
Ninguém era só

Meus avós rodeados de irmãos
Os vizinhos eram como parentes
E as pessoas nem sabiam dizer
O que significava ser carente

Eu aqui na tela do meu celular
Vejo os amigos que não param de chegar
Tem gente aqui que eu nunca ouvi falar
Mas é meu amigo virtual

Parece que todo mundo é igual
A mesma filosofia
O mesmo game, o mesmo discurso
A mesma monotonia...de todo dia

Sinto falta do “Pé de laranja lima”
Das “Caçadas de Pedrinho”
E até de um “Passarinho Tuim”
Ai de mim!

Um empinador de Pipas...
De apartamento...quicá de um jardim.
Não era bem assim
Que eu me imaginava crescer...
“Parem o mundo que eu quero descer”

*Bruno Henrique do Carmo Alexandre – 16 anos
São Bernardo do Campo – SP*

POESIAS CLASSIFICADAS – ADULTO

1º lugar

Os ventos que dão voltas

Mais uma vez deixamos os sonhos debaixo d’água.
Antes de apagar a luz,
Levamos os meninos e o que cabe nas costas.
Deixamos a casa
que não cabe no barco,
não cabe no rumo,
só no coração.
Remamos num silêncio úmido
deixando escapar pelos olhos
a vontade de não sair do nosso lugar.
Esperamos o tempo do rio
e voltamos.
Voltamos porque amamos os rastros,
os ventos que dão voltas
a vida barrenta nas paredes das casas de madeira
derruídas a cada inverno.
Voltamos
para limpar a lama dos sonhos
e tocar o barco
outra vez.
Enchente é destino
de quem faz morada no rio.

*Roberta Marisa de Araújo Matos
Rio Branco – AC*

2º lugar

Rio da infância

Minha infância, o rio arrastou.
Sobrou o cheiro barroso da várzea;
as margens dilatadas de chuva;
a circunferência do ventre sem peixes.

Eu não sabia desse rebuliço d’água,
do tempo barquinho de papel.
Para mim, nosso pátio era a borda do mundo.
A ponte era o futuro por onde minha mãe
ocultava roupas e meu pai trazia farinha e cebolas.

De todos nós, apenas minha mãe ousou cruzar
para o outro lado do mundo, e de lá não voltou.
Meu pai permaneceu. Seus olhos calculavam nuvens.
De todos nós, só eu percebi a natureza enganadora
do rio, suas falsas esperanças, sua indiferença.

Por isso desfoguei, agarrado à boia de câmara,
e me deixei levar, sem ter barrancas, sem retorno.
Ainda hoje, quando sinto o cheiro do barro, posso ver
minha infância presa aos espinhos, entre plásticos,
sem os passarinhos, que espreitávamos com bодоques.

Mas toda a vida desemboca em oceano, ouvi dizer.
E agora que vejo minha pequenez de naufrago,
quero ter os pés na lama, reencontrar meus irmãos,
voltar à casa, migrar sem medo sobre a ponte
e talvez deixar pegadas na margem do rio...

*Carlos Roberto da Rosa Rangel
Santa Maria – RS*

3º lugar

Rangidos

É seu o que restou da minha fogueira e da fumaça
que entoa a dor e a música das dobradiças da casa.

Irei assisti-la entre intimidades... E sobre os lados,
abrirei os meus cadeados enferrujados que faltam.

Antes de despertar, serei o seu dia, o chá, a torrada
Petrópolis, o vento de fora e a nuvem almiscarada

das seis; serei a sua folha de outono, o seu mágico
no final da manhã, no beijo das onze: o seu atraso

claro; um grito silencioso ou aquele vapor abafado
ao deitar na sua rua e me asfaltar no seu passado.

E virá a tarde: e serei seu; a noite e a madrugada,
e serei seu, todo, enquanto for a nossa temporada.

*Marlos Degani Coutinho
Nova Iguaçu – RJ*

POETA MAIS JOVEM

Levem-me à escola

Levem-me à escola,
Para ser nutrido com conhecimento
Porque como rios de água,
Desejo transbordar entendimento;

Quero a paz floril,
Sonho a vida prazerosamente a colorir,
Sem estar febril, necessito escolarizar-me
Para aprender ser gente e paciente com paciência,
Para abraçar a escrita e curar com a leitura;

Levem-me à escola, pois que...
Preciso sempre aprender e crescer,
Para os ensinamentos nunca esquecer,
E a vida sempre melhor conhecer.
Levem-me à escola
e façam-me viver sempre no conhecimento.

*Natangwe Nkaylu – 6 anos
Luanda – Angola*

FUNDAÇÃO CULTURAL "PASCOAL ANDRETA"

Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1984
 Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004
 Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/DOU 15/02/2012
 Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732
 Rua da Saúde, 115 – Monte Sião - MG
 CGC 17.414.632/0001-02



EDITAL DE CONVOCAÇÃO – 2ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2024

O Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta", Engº José Ayrton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos Fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e também o seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para realizarem a **SEGUNDA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do ano de 2024 a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às 18:00h (dezoito horas) do dia 02 de dezembro de 2024**, na residência do Presidente da Fundação, sito na Chácara Verana, no Bairro do Rio das Pedras, nesta comarca de Monte Sião-MG, com a presença do número mínimo de 50% de seus integrantes, mais um, razão que, se não auferido o quórum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito e trinta horas)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

- Leitura e aprovação da Ata da 1ª Assembleia Geral Ordinária de 2024;
- Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no ano de 2024, (Registro das atividades Culturais);
- Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do Plano de Trabalho de 2024 – Subvenção da Prefeitura; Emendas Impositivas da Câmara; repasse do SICREDI; outros recursos e das contas privativas da Entidade; aporte de contribuições do empresariado e outras fontes de recursos.
- Tratar das doações recebidas em 2024, Receitas da Bilheteria e prestar contas sobre destinação dos recursos na manutenção do museu, demonstrar saldo financeiro e reserva atual. Tratar dos recursos administrativos financeiros da Gerencia Executiva.
- Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;
- Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;
- Tratar das atividades do aniversário da Fundação
- Agradecimento aos colaboradores
- Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente, que seja indicado para deliberação. (Palavra da Gerencia Executiva).

A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo somente requisito; a afixação do presente edital em sua sede, bem como a notificação pessoal, ou por carta simples aos interessados; meio estatutário de comprovação sobre a presente convocação e chamado, para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto aos que estejam interessados, estão aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam ausentes.

(* Havendo procuradores legais, esses deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Secretário da Fundação, ou a sua ordem.

Monte Sião, 20 de 10 de 2024

JOSÉ AYRTON LABEGALINI
 Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta"

UM ENCONTRO INESPERADO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Você pode não acreditar, mas juro que é verdade. Apesar de a verdade ser uma coisa muito relativa hoje em dia. Depende muito do STF e das ideologias de plantão. Pois bem, eu caminhava pela represa próxima de casa, já meio tarde da noite. Não havia mais ninguém, só eu. Por isso não existem testemunhas. A represa está quase sem água, então, a luminosa espaçonave alienígena conseguiu estacionar naqueles grandes bancos de areia que se acumulam nas margens. E de dentro saltou uma simpática criatura que veio falar comigo. Não fiquei assustado. Foi assim.

— E aí, amigão, tudo bem?!... Escuta, o que está acontecendo com a Terra?

— Sei lá, acho que você deveria saber, afinal, você conhece o universo melhor que eu...

— É verdade. Mas eu queria uma opinião.

Vocês, terráqueos, ainda não perceberam que estão destruindo o planeta com suas estúpidas guerras e a incontrolável devastação da natureza?

— Acho que não... — respondi sem saber exatamente o que dizer.

— Como assim?!... — Estranhou o enigmático o alienígena. E continuou: — Vocês não têm líderes mundiais tratando desses assuntos?...

— Temos — respondi meio na dúvida. E continuei: — Inclusive eles estão agora na ONU discutindo essas questões de clima e guerras. Fazem longos discursos que conseguem tirar lágrimas de crocodilos.

— Verdade?!... O que é a ONU?!...

— Ah, uns hipócritas que se reúnem de vez em quando, fazem discursos vazios cheios de pompa, participam de luxuosos jantares, trocam falsas gentilezas e depois voltam felizes para casa pelo dever descumprido... — Como assim?! —

reagiu sem entender o gosmento zóiudo.

— Isso mesmo!... Falam, falam, falam e nada resolvem. As guerras continuam... A deterioração do clima não cessa... As promessas se perdem no tempo... E tudo continua como dantes no quartel de Abrantes.

— Ah, que triste! E o presidente do Brasil que não gosta de quartel?

— Quem?!... — E o que faz a Sua Santidade, o digno representante daquele que um dia lá trás veio para salvar a humanidade? — ficou curioso o ser interplanetário.

— Ah, ele reza — respondi orgulhoso e conclusivo.

Bem, depois disso, ele se virou e entrou na nave. Eu fiquei só observando aquele estranho objeto luminoso desaparecer no céu infinito, piscando, piscando como se estivesse dando um dolorido adeus. Eu voltei para casa e fui dormir pensando nos bichos...

DANILO ZUCATO ROBERT

A frase abaixo foi retirada das folhinhas do calendário aqui de casa, cujos conteúdos me têm sido de muito bom proveito recentemente, e espero que assim o seja por muitos anos.

“As flores vão até o ponto de perfumar as mãos que a esmaga”. - Vladimir Ghika.

A flor, comumente vista como um símbolo de beleza, fragilidade e vida, continua a exalar seu perfume mesmo quando é esmagada. Esse comportamento natural da flor pode ser interpretado como a capacidade da bondade e da beleza de persistirem, apesar das adversidades e da violência que possam enfrentar. Mesmo diante do sofrimento e da destruição, a flor ainda oferece algo de positivo ao mundo ao liberar sua fragrância. Esse ato de resistência silenciosa

AS FLORES DE VLADIMIR GHIKA

sa reflete a força transformadora que existe na resiliência, onde até mesmo as experiências mais dolorosas podem ser convertidas em algo belo.

O ato de esmagar a flor, que inicialmente parece um gesto de força e destruição, é revertido pela própria flor em um resultado agradável: o perfume. Essa transformação sugere que o sofrimento, quando enfrentado com generosidade e resiliência, pode dar origem a algo positivo. A flor, mesmo sob pressão, continua a doar uma parte de si mesma, perfumando até as mãos que a machucam. Isso nos leva a uma reflexão mais profunda sobre a generosidade extrema, que continua a oferecer algo de valor mesmo em situações de dor.

Essa imagem pode ser entendida também como uma metáfora cristã para a virtude do perdão. Podemos divinizar o sofrimento, como

está no título da obra de Adolphe Tanquerey. Assim como as flores liberam seu perfume mesmo quando esmagadas, os indivíduos que buscam viver de forma virtuosa são capazes de continuar a amar e perdoar, mesmo quando são agredidos ou injustiçados. A resposta a esse tipo de dor não é a retribuição, mas uma manifestação de amor e bondade que desafia a lógica da violência. Isso é oferecer a outra face.

Vladimir Ghika, que foi um sacerdote e mártir romeno, adversário do nazismo e comunismo, parece expressar em sua frase a crença de que o verdadeiro amor e a bondade são capazes de resistir ao mal. Em vez de serem corrompidos pela agressão, eles transformam os gestos de destruição em uma oportunidade de oferecer algo bom — nesse caso, o perfume da flor, ou, simbolicamente, o amor incondicional.

O ARNALDO

JOSÉ CARLOS GROSSI

A cada duas manhãs caminho sete voltas na beirada de uma praça, com o objetivo de iludir a senilidade, e em todos esses dias um papagaio pousa em meu ombro e conversa comigo.

Quando começo a primeira volta ele me diz: bela manhã para um passeio à sombra das árvores. Ótimo para a saúde.

Na segunda me fala que seria interessante cortá-la pelo meio para apreciar os cantos, mas sigo em frente pelas beiradas e ele bufa.

Já na terceira me oferece refrigerante no mercadinho e tosse nervosamente porque sigo em frente.

Na quarta me bica a orelha enquanto rosna: escuta, vai levar mesmo adiante essa bobagem de sete voltas? Não percebeu que já sofreu uma fisgada no joelho esquerdo? Não está prestando atenção aos avisos do corpo?

Na quinta começaram os despautérios...

Pensa que a saúde vai melhorar? Que vai dormir melhor à noite? Você é mesmo um idiota, um velho teimoso, uma mula-sem-cabeça!

Quando começo a sexta volta, tem um chilique: já está bom! Quer provar o quê? Corta o caminho, sua besta, passa por dentro, parou para contar o batimento? Viu a pressão? E, aos berros: está querendo se matar?

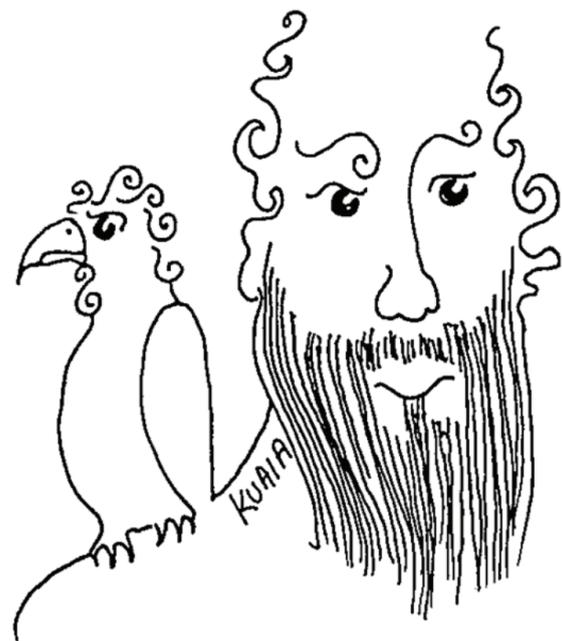
Mas a manhã está realmente linda, há pássaros por todos os lados, uma mulher e seu cachorro e a mãe, num banco de madeira, repassa quadros no celular com o elegan-

te esmalte magenta e com o pé chacoalha o carrinho do bebê. Então percebo que estou sorrindo enquanto o demoniozinho em meu ombro relincha: miserícordia! Até quando vai sua teimosia?

Percebo que na sétima e última ele se cala para depois gritar, euforicamente: Viva! Conseguimos! Somos o máximo! Estamos de parabéns!

Olho profundamente em seus brilhantes olhinhos azuis: Arnaldo, vá caçar sapos!

Então voa graciosamente e desaparece dentro do estranho, conturbado e caótico mundo que existe em mim.



NOTAS SOBRE “OS ÚLTIMOS DIAS DE SODOMA”

MATHEUS ZUCATO

“Nunca mais será habitada. A terra inteira será uma ruína só. Os que por lá passarem se assustarão com tamanha desgraça”.

— Jr 50.13.

Nossa época é frutífera! Somos já a geração que mais produziu pesquisadores de entremeios em toda a história. A profissão-sonho mais cobiçada pelos subjetivistas trata de estudar aquilo que se encontra entre as linhas dos textos antigos, e há os que argumentam haver informações entre cada palavra ou ainda entre cada letra manuscrita nas páginas antigas. Mas tal consideração parece ser exagero. Mohammed Enaim, maior estudioso de entremeios que tivemos, em seu prólogo à edição francesa definitiva de “As Mil e Uma Noites”, afirma ter encontrado nos entremeios da obra do historiador Al-Masudi (888-957), especificamen-

te na sessão que menciona a coleção de contos fantásticos traduzidos do persa, sânscrito e grego — incluindo-se entre eles um livro persa chamado *Hazār afsāna* (“Mil histórias” em persa) —, um antigo e obscuro conto que parece remeter ao período do domínio imperial babilônico. O conto teria por nome “Os últimos dias de Sodoma”, e foi encontrado na Edição de Būlāq, Cairo, 1835, vol.1, cujo nome teria sido adaptado, numa injustiça poética, do árabe *Ākhir Qawm Lūt*, “O último povo de Ló”, personagem bíblica que viveu em Sodoma e que alertava o povo contra a prática da sodomia, mas de quem o nome permaneceu associado à população.

No século XIX, a expedição de Henry Layard encontrou na região sul do Mar Morto uma tabuleta de argila nomeada “planisférico”, que continha informações planetárias sobre eventos ocorridos há 3650

anos e descreve um cataclisma causado por um asteroide colossal que varreu desde o norte do Egito até a região sul da Mesopotâmia. Mohammed Enaim informou por meio de conjecturas haver nos entremeios dos escritos em cuneiforme uma narrativa de título semelhante, “O último povo de Sodoma”, que antecede perfeitamente “Os últimos dias de Sodoma” do historiador Al-Masudi, com uma única alteração: se no relato mais recente (entremeios das palavras de Al-Masudi) o povo de Sodoma é dado como pecaminoso, orgulhoso e depravado, e sua destruição tem intermédio divino e punitivo, no anterior o povo é visto pelo escriba como habitante de um invejado “paraíso dos prazeres” (*Dilmun*, no sumério babilônico).

Qual foi a surpresa quando, no ano de 1982, a equipe de Mohammed declarou, após anos de estudo da palavra suméria e

de seus entremeios potenciais, entender no sentido metafórico da mitologia ali descrita o termo *Dilmun*, que categorizou Sodoma como um lugar de felicidade e abundância, “onde os deuses (heróis, profetas e reis) habitam e onde não há sofrimento, somente prazeres”. A equipe enunciou ainda o fato de tal entremeio narrar que a aniquilação de Sodoma, para a surpresa de todos, tratou-se de fruto inevitável e ambicionado, o clímax último das possibilidades de prazeres humanos. É estranho imaginar o êxtase como um fim espelhado do fim como um êxtase. Mas os povos antigos nos superavam em muito nas apropriadadas resignações ante o incompreensível: muitas correntes místicas entenderam e apreciaram esse conhecimento como uma forma de libertação espiritual, uma união com o divino, que ultrapassaria, em muito, qualquer sensação

física, terrena. Mohammed comenta que a morte, para os antigos, poderia ser considerada a culminação ou o fechamento de uma vida vivida com intensidade e significado, ainda que não ignorassem as consequências das escolhas feitas em vida.

Doze anos depois, em 1994, no Seminário Teológico de Pittsburgh, Mohammed Enaim foi convidado a comentar as recentes descobertas da Expedição à Planície do Abu Kamal, na Síria (1990—1991). Foi a primeira vez que questionei os estudos de entremeios. O pesquisador assegurou ter encontrado oculto nas entrelinhas das tabuletas M27 e M28, de obscura origem *Am'raitt* (pré-suméria), uma narrativa oracular chamada B'h *Sed'oim* de tradução errática “Última [vida da] Cidade” ou “Último Povoado”, que se baseava em um antigo tablete de argila arenosa, em cujas linhas reconta-

va-se de forma repetida, porém inédita e aleatória, o surgimento, o apogeu e a obliteração de uma Cidade (*Sed'oim*) condenada a existir pela eternidade. Acredita Enaim que essa palavra seja raiz para o termo hebraico שָׂדֵם (*sādēm*, “queimadura”), de onde deriva o nome *Sādōm*: Sodoma. Portanto, o nome teria estranhas as raízes gêmeas, “cidade” e “queimadura”. Desta forma, Sodoma, pareceu-lhe, possuía certa condenação intrínseca, semântica. Conjecturou ainda que o antigo tablete arenoso fosse obra do mesmo Artista da antiga tradição *Am'raitt* para a origem do deserto do Saara e para o medo e o caos da cidade de Mari, antes de sua destruição. Inquieto, o pesquisador concluiu que, consideradas as possibilidades do antigo tablete de argila arenosa, a tradição dos *Am'raitt* passa a ter claro tom profético ao tratar não de uma Sodoma, mas de todas essas onde, por enquanto, nos deleitamos.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS
Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.
AMIGO DA ALEGRIA

WALDEMAR GOTARDELO

Há poucos dias fomos apresentados por um leitor desta coluna como o historiador de personagens importantes e tipos pitorescos de Monte Sião, o que, segundo ele, faltava no jornal de sua cidade. Retrucamos que nossa intenção não chegava a tanto, uma vez que somos apenas simples contadores de histórias

daqueles que julgamos merecer uma crônica e uma homenagem de nossa parte. Assim, nessa qualidade, vamos retratar hoje, com muita justiça, uma pessoa muito querida.

Itapirense de nascimento, aqui chegou vindo de Ouro Fino e desde logo se tornou um apaixonado monte-sionense de coração. Durante muito tempo foi um competente e dedicado funcionário do Giná-

sio Estadual Provedor Theophilo Tavares Paes e, segundo depoimento do então diretor daquele estabelecimento de ensino, sempre gozou da admiração e respeito dos professores e demais funcionários além de muito querido pelos alunos. Possuidor de um espírito alegre e brincalhão, alegrava qualquer ambiente. Onde estava não existia tristeza. Gostava muito de imitar (no bom sentido) pessoas de sua amizade, especialmente da raça japonesa, o que fazia com perfeição de causar inveja a qualquer profissional. Imitando a voz feminina costumava chegar a um dos mais tradicionais armazéns da cidade e perguntar ao proprietário, um homem bravo, peso pesado: “o senhor tem ‘Sempre-livre’ para senhorita?”.

Cantador nato de calango, encantava a todos com seu famoso Calango do Jacá. Mas o

seu fraco sempre foi a pescaria. Coturno preto, vara caipira, Samburá com a tralha de pesca, paletó e chapéu, mais parecia desbravador inglês que simples pescador de bagres e traíras. Se a pescaria prolongasse nos fins de semana, era sempre o cozinheiro escolhido. Tinha a mão boa para a mais frugal refeição até o prato mais refinado.

Quando se pôs a vender aparelhos eletrônicos, sua freguesia se fez em alguns dias, submetida ao seu modo de falar peculiar e atraente, ao seu poder de persuasão que colocava alta qualidade onde estavam coisas comuns. Sua prosa fluente e humorada era melhor que seus rádios, relógios e gravadores.

Grande contador de causos e piadas, não perdia a oportunidade para comentar, no seu modo jocoso, as últimas do lugar. Certa vez espalhou a notícia que

um cidadão japonês, residente na cidade e recém-chegado do Japão, tinha trazido um espelho mágico, igual àquela história da Branca de Neve e que respondia a qualquer pergunta que lhe fosse feita. Nada ficava sem resposta. Segundo comentários da época, o boato despertou a curiosidade de importante personalidade local, que chegou a pedir ao nipônico permissão para consultar o espelho a fim de dirimir algumas dúvidas que o atormentavam e para as quais não havia conseguido nenhuma explicação.

Outra vez, mais por gozação, acompanhou o Lazão do Nhô Quim para cavar em uma caverna no município de Heliadora, deste Estado, onde, segundo a lenda, existia um tesouro enterrado pela “inconfidente” Bárbara Heliadora. Lá ficaram por vários meses. Como dizia, “o Lazão sempre

‘cavucando’ e ele só ‘urubu-servando’”. Não tivesse o patrocinador da empreitada desistido, teriam ficado lá por muito tempo e, se não encontrado o tesouro, seriam os iniciadores do primeiro metrô do interior de Minas.

Um dia partiu de Monte Sião. Não vamos dizer que depois de sua partida a cidade ficou mais triste, porque tristeza era coisa que não gostava e nem conhecia. Vamos dizer que esta comunidade ficou menos alegre e, esteja onde estiver, temos plena certeza de que esse lugar ficou mais risinho e festivo com sua presença tão agradável.

Aqui fica nossa homenagem e nossa palavra de saudade a esse grande amigo e excelente companheiro, um homem admirável que possuía a alma de Monte Sião: Sebastião Pereira Macedo.

(dezembro/94)

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

@dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Outubro de 2024

Nº 628

ÚLTIMO TEM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Novembro de 2024

Dia 01	Isadora Barile Zucato
Doreni Schiavon R. Cunha	Gustavo Guireli
Osmar Antonio Grossi	Marielene Moraes Duarte
Dia 02	Luciana Jusinskas Labegalini
Luciana Aparecida Genghini	Dia 15
Wellington S. O. Miranda	Thais Figueiredo Comune
Dia 03	Cyntia Canela
Célia Morelo Valentim	Lúcia Ioko Izumi
Ilionor Silvério da Silva	Dia 16
Aline G. Castro Ribeiro	Maria Rosa Comune Faria
Silmara Alves Vieira	Solange A. Vieira
Dia 04	Dia 17
Lara Righete	Cristiano Giglio Zucato
Carla Cristina Barbosa	Dia 18
Celene Brigagão de Franco	Maria Nilza Bernardi Milan
Dia 05	Dia 19
Rafael Jusinskas Labegalini	Ednaldo Hermínio Comune
Juliana Ap.de Barros	Iracema Ávila Santos
Rodrigo Labegalini	Dia 20
Patrícia Zucato	Marli Honório
Dia 06	Everson Labegalini
Tauanna Carolina Alves	Dia 21
Irineu Bernardi Filho	Elenice Pereira Bonassi
Selma R. Silva Barbosa	Dia 22
Nathália Laira Grossi	Thais Valdissera dos Santos
Dia 07	A. Marcos R. Cunha
Ana Luiza Bossi Veloso	Maria Cecília Daldosso Queiróz
Ferdinando Righete	Dia 23
Flávio Comune Pennacchi	Bráulio Luís Cyrne Beltrame
Maria Gomes da Silva	Ana Priscila de Moraes
Eliana e Rosana Albino	Carlos Eduardo R. Zucato
Dia 08	Teresa Vitorino Queirós
Luis Gonzaga da Silva	José Eduardo da Silva
Adriana C. Freire	Robson Labegalini
Maria Helena Faraco	Dia 24
Dia 09	Emilene Canela
Ana Maria Bernardi Guireli	Maritana D. Gomes Pepe
Stéfanie Lima	Dia 25
Marcelo José Ribeiro	Ivo De Nez,
Dia 10	Leonardo Artur M. Silva
Aline Caroli	Dia 27
Geni Beghini	Alexandre A. Lopes Mussi
Maria Alice Dias	Márcio Roberto Canela
Catarina E. Labegalini	Dia 28
Antonio Canela Grossi	Luis Fraccaroli
Dia 11	Valdemir Galli
Aline Paola Inácio	Maria Cândida G. Silva
Paulo César P. Santos Jr.	Dia 29
Doraci Labegalini Nicioli	Ana da Silva Martins
Dia 12	Dia 30
Tereza Silvério	Luiza Pieroni Labegalini
Dia 13	Odair Megal Dinis
Dorneles Canela	Renato Franco Bueno
Zélia Massa Domingues	Ana Maria Caporali Borges
Dia 14	Karim Dematei
Matheus Zucato Robert	
Danilo Zucato Robert	

A todos, as felicitações da Redação!

ZEZA AMARAL

Nos deixou no último dia 03 o jornalista, músico e cronista colaborador do nosso Jornal, Zeza Amaral. Escritor que buscava retratar o cotidiano de Campinas e que deixa aqui em nossos acervos escritos inesquecíveis. O Jornal Monte Sião se entristece e presta sua homenagem aos familiares e amigos.

CONCURSO DE REDAÇÃO SOB O TEMA "AUTORES DE MONTE SIÃO"

Promovido pela FCPA – Fundação Cultural Pascoal Andreta, com apoio da Prefeitura Municipal de Monte Sião, por intermédio da Diretoria de Educação, está em andamento a realização do primeiro Concurso de Redação, tendo como tema "Autores de Monte Sião", baseado na pesquisa elaborada por L. A. Genghini, em exposição permanente no Espaço Ivan Mariano Silva, no saguão da Câmara Municipal. O concurso é destinado aos alunos dos 6º aos 9º anos (Fundamental II, da Rede Pública Municipal de Ensino. O Regulamento está disponível na Sede da FCPA e oportunamente será publicado nos veículos de comunicação da cidade. Haverá premiação de Seiscentos reais cada uma, para o primeiro, segundo e terceiros colocados, sendo que, prêmios de iguais valores serão oferecidos, também, aos professores orientadores dos alunos vencedores. A Premiação ocorrerá durante o Evento "Aluno Nota 10", a ser realizado no plenário da Câmara Municipal, dia 29 de novembro de 2024. Baita oportunidade! Professores incentivem seus alunos a participarem!

SOBRE O CONCURSO DE POESIAS

Apesar de todos os esforços da comissão organizadora e de todos os voluntários que trabalham incansavelmente na organização, na leitura, classificação, edição do livro e cerimônia de premiação, tem sempre aquelas que aparecem da escuridão das catacumbas para desmerecer o evento e avacalhar os trabalhos de tanta gente e de tantos autores. Daqui prá frente, os engraçadinhos que enviarem plágios, textos "roubados ou subtraídos" e outras calamidades que só os incompetentes e invejosos são capazes, serão alvos das medidas judiciais cabíveis, além do banimento do evento. Que lástima!

GINCANA POLÍTICA

A cidade já conhece os seus eleitos! Cumprimentamos Juninho Zucato e Angélica Artuso, do partido 44 União, pela eleição com 9072 votos, 67,76% dos votos válidos, e a considerável renovação na Câmara Municipal. Dos eleitos e esperamos que tenham um pouquinho, só um pouquinho, mais de cuidado com a cultura e que repassem as verbas "carimbadas" referentes aos projetos que atenderem aos pré-requisitos, a fim de que a cidade possa desfrutar da alegria e do ensinamento das artes. A FCPA, pioneira em projetos culturais em Monte Sião, coloca-se à disposição para troca de prosas sobre o assunto e também tem diversos projetos de impacto sociocultural que demandarão recursos de instalação e de manutenção, como é o caso do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião. A conferir!

PEDÁGIO, OUTRA VEZ... EM QUE PÉ SE ENCONTRA...

Verdade, em que pé está!

"CAMINHANDO ENTRE AS ESTRELAS" DE GILSON MARIQUES – NOVA EDIÇÃO

Para quem ainda não teve a oportunidade de ler e de vivenciar com o autor cada passo do "Caminhando entre as Estrelas" relato sobre o percurso do Caminho de Santiago", com suas dores e alegrias, com as descobertas, as profundas meditações, o importuno dos calos e bolhas nos pés e a expectativa diária de onde iria pernoitar e que cuidados receberia, partindo de Lourdes na França até Santiago de Compostela, na Espanha, o maravilhoso "Caminhando entre as Estrelas" está sendo impresso em nova edição comemorativa, com capa dura, em formato diário e com espaços para o leitor anotar impressões da viagem enquanto procede à leitura. Esta edição, mais sofisticada e comemorativa, logo estará à disposição dos leitores. Inicialmente será feito o lançamento em São Paulo e depois o autor deverá atender outras demandas para apresentar a obra e prosear com o pessoal. Vamos submeter a ideia ao pessoal da FCPA e, quem sabe, a gente consiga convidar o autor a vir compartilhar sua experiência com o pessoal de Monte Sião, principalmente os Caminhantes das Romarias à Aparecida, os Caminhantes do Caminho da Fé e aos organizadores e promotores do Caminho da Fé - Ramal Monte Sião. Vamos nos empenhar e pedimos, desde já, as manifestações de interessados na organização e promoção deste evento.

Fragmentos - 41

ARIOVALDO GUIRELI

1 - Muito nos divertimos pelos rios que circundavam as nossas cidades do interior. Não só pescando, nadando, brincando... Wander Piroli escritor mineiro tem um livro fantástico: "Os rios morrem de sede". O título nos aguçava a querer lê-lo. E vale a leitura. Ele nos mostra a transformação do que era água, peixes e alegria. A poluição e a destruição das nascentes danificaram a natureza que chora suas perdas. Eu me lembro, menino, do meu avô chegando do serviço de tardezinha e falava para minha avó: - Vá esquentando a gordura que vou pescar. O rio passava no fundo do quintal e de lá trazia bagres...

2 - Jornalista e político, GRACILIANO RAMOS chegou a exercer o cargo de prefeito da cidade de Palmeiras dos Índios, interior de Alagoas. Estreou no livro em 1933 com o romance Caetés nessa época trabalhou em Maceió, dirigindo a Imprensa Oficial e a Instrução Pública, e travou conhecimento com José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Em março de 1936 foi preso por atividades consideradas subversivas sem, contudo, ter sido acusado formalmente; após sofrer humilhações de toda sorte e percorrer vários presídios, foi libertado

em janeiro do ano seguinte. Essas experiências pessoais são retratadas no livro Memórias do Cárcere. Em 1945 com a queda da ditadura de Getúlio Vargas filia-se ao Partido Comunista Brasileiro o qual integrou até 1947 quando o partido foi considerado ilegal. Em 1952 viajou para os países socialistas do Leste Europeu, experiência descrita em Viagem. Faleceu em março de 1953.

3 - A tensão permeia toda a obra desse escritor e evolui de Caetés até Vidas Secas, num crescendo que passa por São Bernardo e Angústia. O que se observe em seus livros é a recomposição de figuras autênticas, vivas, talhadas como realmente são, com sua psicologia própria, suas necessidades específicas, encasuladas em sua pele sertaneja, moldadas pelo ambiente onde vivem, reagindo segundo a cultura que as informa. GRACILIANO RAMOS fez valer sua vida em prol da literatura fortemente brasileira. Tirou, e fez questão de tirar os brincos adjetivos de seus escritos pois conviviam com o substantivo da realidade.

4 - Estava terminando os anos 70. As perspectivas eram simples porque não havia muito o que esperar. Está-

vamos trancados pelo regime militar (que comandava o país) na época. Numa noite fria de julho ouvindo a sanfona do Jairzinho entre fogueiras poéticas, pipocas, questões e prosas o Paulo Theófilo perguntou-nos: - Vocês leram a crônica do RUBEM BRAGA: "Eu e bebu na hora neutra da madrugada"? Apenas um disse que sim. E Paulo foi intimado a contar. Mas, preferiu transferir para o outro que havia lido. E este, com desenvoltura relatou o texto. A noite que estava fria ficou quente e a pureza dos sons da sanfona tornaram-se estridentes. Alguns não entenderam, outros esconjuraram e alguns sorriram muito. O certo é que este texto ficou marcado. Não fique apenas curioso leia, sem demora!

5 - O processo de leitura, diz Ruth Rocha, possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na nossa cabeça.

6 - Leia de Domingos Olympio - "Luzia-Homem" - Editora Ediouro - Coleção Prestígio.

7 - Este fragmento foi atarraxado por Martinho Andreta.

8 - Beijos gerais.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507
WhatsApp: (19) 99343-9180